

E' indispensável que a efusão de sangue corra em borbotões...

Reclama-se insistentemente por uma cabeça. Esta reclamação tenebrosa, sinistra, sangüinária mesmo, parte dos arraiais dos monárquicos disfarçados com a túnica da hipocrisia.

O general Gomes da Costa é, entre as falanges do integralismo reaccionário, alguma coisa admirado. Mas os seus amigos realistas são uns amigos dos diabos. Gostaram de o ver à frente das tropas, de espada revolucionária em punho, comandando as colunas militares em rebelião, em desordem pela desordem, mas não simpatizam muito com a sua estada no governo. Aham-no versátil, indeciso, imponderável, muito complacente com o republicano constitucionalista Mendes Cabeçadas...

O encapamento monárquico balbucia declaradamente o seu desejo ultramontano: não quer que se caminhe com precipitação, mas indica com condição sine qua non para o triunfo dos princípios retrógrados, medidas de decisão.

Para que a farsa... no salto de tigre para trás possa ser melhor levada a cabo, os nossos camelots du rei, os nossos Barrés de via reduzida entendem que é indispensável um olhar de lince e uns grifos... de *gryphos fulvus* encarnados num tirano fabulosamente transformado em abutre.

Pretendem um homem metamorfoseado em metade águia, metade leão, cujas asas ensombram todas as liberdades populares e cuja bocarra ferozmente dentada trace toda a garganta onde possa embriar um grito de revolta contra o despotismo e a exploração das castas reaccionárias.

Acharam muito belo, muito sublime, muito surpreendente a revolta militar sem tiros, sem aniquilamento de vidas, mas não agora dizendo, sem qualquer disfarce, que a insurreição militarista *sine sanguine non est victoria*...

Quere dizer: «o inimigo não foi vencido, acobardou-se apenas...». E como os monárquicos integralistas sabem que no movimento militar há um desdobramento, isto é: que ele está bipartido em conservadores realistas e em republicanos mais ou menos aterrados a doutrinas progressivas—aparentemente unidos, mas no fundo odiando—entendem que o melhor é romper-se com a farça. Dois movimentos antagónicos juntos e a inutilizarem-se não faz sentido. *Sine sanguine non est victoria*. E' indispensável que a efusão de sangue corra em borbotões; que as peças se disparem; que as baionetas perfurem; que os flancos humanos se espartilhem e as tripas das vítimas sejam postas ao sol da reacção monárquica...

Mas, para isso, julgam imprevisível também uma cabeça... para cortar as sete cabeças da hidra de Lerna acotida agora na república portuguesa.

Toda a gente que tens olhos de ver e miolos de raciocinar, compreende admiravelmente que é a cabeça que os realistas pretendem: é a cabeça... sinistra figura de um Mussolini mesmo com o nariz furado... Eles desejam um Hercules violento, feroz, sangüinário, implacável, torquemadeco... Um Hercules que ponha em pantanas os últimos resíduos das liberdades ainda não destruídas totalmente, — que estrancilhe todas as aspirações proletarianas, dissolvendo pelo assalto, pelo escaqueiramento, pelo montão de ruínas acumuladas pelas brutalidades fascistas, a organização profissional das classes trabalhadoras...

O que para si está é que não pode ser, é que não pode ficar. O movimento «foi bonito, mas talvez pernicioso» — porque não fez sangue — e *sine sanguine non est victoria*... «Foi um rebento parasitário duma árvore destinada a dar bons frutos» — cujos frutos só serão possíveis com fortíssimos borbotões de sangue.

Gómes da Costa continua indeciso no seu gesto fulminante de *primaverar-se* dos pés à cabeça. Não serve.

É fraco. É contemporizador. Tem de recolher à sua pusillanímia inutilidade... O que se quer é uma cabeça, de olhos injectados de sangue, de narinas dilatadas e tremendamente resfolgadas, de boca desmesuradamente escancarada em trucidadoras feiças de queixais prontos a *antropofagiar* os partidários da liberdade. Uma cabeça horrível colocada em cima desse corpo disforme da acção militarista reaccionária...

Eis a visão, terrível visão, dos monárquicos. Quem tem por si uma cabeça a mais? — eis a pergunta sinistra, pavorosa, dos nossos realistas, porque, dizem eles, *sine sanguine non est victoria*...

Compreendem os nossos leitores?

C. V. S.

Uma quadrilha apodera-se de 15 milhões de dracmas

ATENAS, 14. — Entre Prentessa e Janina, um grupo de bandidos atacou um camião que transportava quinze milhões de dracmas, pertencentes ao Banco Nacional, ferindo três empregados do banco, e fugindo com os valores. (H.)

Significativas palavras do sr. dr. Alberto de Sousa e do engenheiro sr. Carlos de Vasconcelos Porto que reforçam a nossa tese sobre a casa de saúde dos ferroviários do Estado

Do Sanatório Carlos de Vasconcelos Porto está tudo dito: é um estabelecimento de cura instalado numa casa imprópria e vivendo sob a nociva acção da burocracia dos caminhos de ferro do Estado. Esses dois factores militam poderosamente em favor da ruína daquela casa de saúde e enquanto persistirem o actual estado de coisas não se modificará.

E' verdade que para os ferroviários do Estado está em construção em Paredes de Conra, que dista 65 quilómetros de Viana do Castelo e 26 quilómetros de São Pedro da Torre, um sanatório com 5 camaratas que receberá 24 doentes, sendo 20 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Mas isso não quer dizer que a casa de saúde de São Braz de Alportel possa desaparecer. O Sanatório Carlos de Vasconcelos Porto deve e tem que existir. Mais ainda: o Sanatório Vasconcelos Porto tem que ser imediatamente reparado e quicá ampliado.

Nos caminhos de ferro do Estado há um numero considerável de empregados do sexo

— Logo que eu tomava conhecimento das deficiências do Sanatório reclamava providências de quem de direito. São inúmeras as cartas escritas nesse sentido e algumas vezes fui a Lisboa tratar do caso.

— Com resultado?

— Nem sempre. O Sanatório está sujeito a uma organização administrativa que por vezes não permite o seu desenvolvimento. E' por isso que algumas faltas de fácil reparação dão motivo a factos bastante desagradáveis.

E depois:

— E já que falamos sobre as determinantes das deficiências do Sanatório, é bom que não olvidemos que alguns internados, felizmente poucos, têm praticado actos que directamente concorrem para a deterioração do edificio.

Com grande fluência:

— Têm todos os ferroviários que se capacitam do seguinte: o Sanatório Carlos Vasconcelos Porto é nosso. Mas nosso sob



Pessoal do Sanatório Carlos Vasconcelos Porto. — Da esquerda para a direita: dr. Alberto de Sousa, director clinico; D. Ana de Carvalho, regente; D. Isaura Pedrosa e sr. Isidoro Tavares, enfermeiros.

femenino para quem devem convergir as atenções dos organizadores dos sanatórios. Tanto se podem tuberculizar os homens como as mulheres. Logo, no Sanatório Carlos de Vasconcelos Porto deve criar-se, a exemplo do que fez em Paredes de Coura, uma dependência para nela serem internados os empregados do sexo feminino.

Contiguo à casa de saúde de São Braz de Alportel há uns terrenos onde se poderia construir um pavilhão para mulheres. Seria uma medida inteligente, quando se iniciassem as obras que vão fazer-se no aludido sanatório, esse pavilhão iniciaria também a sua construção.

Vamos ouvir agora, antes de epilogramos a publicação das impressões do nosso enviado ao Sanatório Carlos de Vasconcelos Porto, as declarações de duas pessoas ilustres que aquela casa de saúde têm dado o melhor da sua inteligência e da sua dedicação: o dr. sr. Alberto de Sousa, distinto fisiologista e director clinico do Sanatório, e o engenheiro sr. Carlos de Vasconcelos Porto, fundador da casa que tem o seu nome.

O primeiro destes senhores, a propósito da situação do sanatório, disse-nos: — Na verdade, o Sanatório Carlos de Vasconcelos Porto enferma de bastantes deficiências. Uma são filhas das condições em que se encontra instalado. Outras têm uma razão directa na sua organização administrativa.

E acrescenta: — Com a receita que o Sanatório possui e sem aqueles dois factores a militar o estabelecimento de que sou director clinico poderia desempenhar uma grande função.

A conversa incidiu depois sobre as providências reclamadas quando se manifestaram as faltas a que fizemos allusão nos anteriores artigos. E o nosso entrevistado vai-nos informando:

HOJE É POSTO À VENDA O N.º 24 DA REVISTA DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES RENOVAÇÃO

QUE INSERE, ALÉM DUMA LINDA CAPA, A SEGUINTE INTERESSANTE MATÉRIA:

A literatura social e os valores literários na Rússia, por Ferreira de Castro.

A crise de trabalho no Algarve (com gravuras).

A Venus moderna (com gravuras).

A organização operária algarvia, por Alfredo Marques (com gravuras).

O poder mágico das arvores, por Ladislau Batalha.

A vida nos abismos líquidos, por António Lima (com gravuras).

Justiça, conto por Eduardo Frias, ilustrado por Roberto Nobre.

O mundo curioso.

Actualidades: O horário do trabalho no Comércio; António Pires de Matos; O comitê do Comité de Defesa Proletária; Uma comissão das classes operárias do Algarve em Lisboa.

16 páginas ilustradas com 30 gravuras e com uma capa a cores

PREÇO 1\$50

Com este número RENOVAÇÃO completa um ano de publicação

Um apelo dos Soviéticos aos comerciantes particulares

MOSCÓVIA, 14. — Em virtude do grande deficit apresentado pelo orçamento geral do Estado, os commissários do povo tencionam aumentar os impostos sobre os camponeses de 20 a 40 % e tencionam estabelecer uma lei especial sobre os «mujiks» que dissimulem as produções. Vai ser também publicada uma outra lei regulamentando os direitos do capital particular.

A burguesia soviética vive aterrorizada em virtude das prisões e das buscas domiciliárias efectuadas, bem como das deportações

feitas sob a acusação de espionagem económica.

Rikow, num discurso feito recentemente, fez um apelo aos comerciantes particulares convidando-os a esquecer o passado e a apoiar os poderes soviéticos.

Os bens das famílias ex-reinantes alemãs

BERLIM, 14. — Grandes manifestações realizadas ontem em toda a Alemanha marcaram o início dos preparativos para o plebiscito nacional sobre a expropriação dos bens das ex-famílias reinantes.

Durante todo o dia de ontem não se deu incidente algum, tendo as autoridades tomado grandes medidas de ordem.

Notas & Comentários

Moral e moralistas...

Dizem-nos — não os boatos, mas os factos — que o sr. Alberto Xavier, alto funcionário do ministério das finanças e aderente à nova situação política, por meio de algumas frases de efeito em que cita muito a moral pública se dispõe a ser o inspirador do recente ministro das finanças.

O sr. Xavier é muito mais audacioso do que escrupuloso. Se assim não fosse, em vez de falar em moral deixaria de se servir para os seus trabalhos particulares de funcionários pagos pelo Estado e cortaria as explendidas relações que tem com os banqueiros — relações que, se o tornam bastante próspero, lançam também sobre ele uma suspeição bastante justificada...

Moral de escravo

O Vaticano assumiu na muito discutida questão do Padroado do Oriente uma atitude bastante prejudicial e bastante hostil para o Estado. A pesar disso pensa-se em reconhecer a capacidade jurídica da Igreja.

O Vaticano sabe que luta com escravos e como tal trata os políticos que se prestam a colaborar nas suas intrigas internacionais. Estes laços da Igreja nem ao menos sabem afectar uma certa dignidade, ainda que decorativa. Se o soubessem, em vez de pensarem no reconhecimento da capacidade jurídica da Igreja, faziam beicinho amuado ou pediam platinicamente explicações aos políticos de encursilhada que estão na posse do Vaticano.

Uma bela atitude

Publicamos, noutro lugar, um artigo do dr. sr. Geraldino Brites, ilustre professor da Universidade de Coimbra, contra o ensino religioso.

O seu artigo, admirável pela maneira alevantada em que defende um ponto de vista contrário à deplorável tradição portuguesa, revela uma bela atitude que entendemos dever encarecer. O dr. sr. Geraldino Brites no meio desta sociedade corrupta que por todos os lados se dissolve, sociedade de acomodaticios e de cobardes, colocou-se muito acima da cravella moral comum, pela sua nobre e honrada e ousada independência.

Aguardamos, com prazer, que continue dando-nos a sua colaboração, tão brilhantemente iniciada.

Que há?

Um nervosismo grande exaltou nas últimas 24 horas o espirito da população. Consta que as forças acantonadas em Sacavém impuseram a demissão do presidente do Ministério e a criação do triunvirato militar e que as forças acantonadas em Queluz vieram oferecer ao comandante Mendes Cabeçadas toda a sua solidariedade. Destes boatos e da atitude belica das forças que apoiam os dois chefes revolucionários nasceu uma lógica dedução: o perigo monárquico aproxima-se. Os oficiais monárquicos não se conformam com a chefia do governo entregue a Mendes Cabeçadas e preparam a sua queda. Do que se passou de positivo pouco se sabe. Sabe-se apenas que o presidente do ministério levou o caso a conselho de ministros que esteve reunido das 16 às 23 horas. Dessa reunião, segundo nos informam, saiu consolidada a posição do presidente do Ministério. Mendes Cabeçadas não saiu. E os elementos monárquicos com Raúl Esteves à frente não tardarão a impôr, agora certamente pela força das armas, que Cabeçadas seja afastado. O operariado, embora alheio a estas pugnas políticas, não deve desinteressar-se do momento porque estão em jogo as poucas liberdades que goza e em defesa das quais deve lutar sempre que a sua intervenção se reconheça necessária.

Foram extintas as Escolas Primárias Superiores

O ministro da instrução assinou um decreto extinguindo todas as Escolas Primárias Superiores, a partir de 30 do corrente. O pessoal desses estabelecimentos passa à situação de adido, dia situação legítima. As provas finais da 5.ª e 6.ª classe das Escolas Primárias Superiores realizar-se-ão de 15 a 30 do corrente. Os alunos que tenham idade de passagem à 2.ª ou 3.ª classe podem matricular-se, respectivamente na 2.ª ou 3.ª classe dos liceus. Os professores das Escolas Primárias Superiores em Lisboa, reunem-se hoje, pelas 16 horas, na Escola Primária Superior Adolfo Coelho, para tratar de assunto que se prende com a extinção das referidas escolas.

A QUESTÃO DE MARROCOS

A limitação das zonas de influência

PARIS, 14. — E' hoje, segunda-feira, que se reatarão as conversações entre os governos espanhol e francês sobre Marrocos, sendo o general Simon e Ponsot, sub-director da secção de Africa no ministério dos negócios estrangeiros, que trabalharão com o antigo alto commissário espanhol, general Jordana. A fronteira traçada em 1912 não levanta qualquer dificuldade, e a questão parece tanto mais fácil de resolver quanto os espanhóis estão resolvidos a ocupar realmente a zona que lhes foi dada. — (H.)

A intolerância fascista

GENÈBRA, 14. — Durante a comemoração do assassinio do deputado socialista italiano Matteotti, organizado pelo partido socialista genovês e presidida pelo conselheiro nacional Buerlini, foram pronunciados violentos discursos contra a Itália e Mussolini.

Um grupo de fascistas italianos, entre os quais se contavam numerosos empregados na Sociedade das Nações, protestaram vivamente, provocando o encerramento da sessão e a intervenção da policia.

A viagem aérea Paris-Tóquio

MOSCÓVIA, 14. — O aviador francês Pelletier d'Oisy que está tentando o «raid» Paris-Tóquio levantou hoje vôo desta cidade em direcção à Sibéria.

UM GESTO NOBRE Um lente da Universidade de Coimbra manifesta-se desassombradamente contra o ensino religioso nas escolas

O sr. ministro da Instrução, professor Mendes dos Remedios, disse a um reporter, se as gazetas não erram, que é sua intenção permitir o ensino religioso nas escolas primárias particulares. Sendo s. ex.º um dos membros mais eminentes do Centro Católico e um dos mentores mais seguros do Centro Académico de Democracia Cristã de Coimbra, essa intenção, que pode, aliás, ser um simples desejo, é lógica, é de manifesta coerência com o seu passado. Restabelece-se a sanção por intermédio do *Diário do Governo* o que já se faz a sorrelfa por todo o país e não seria de esperar que, não sendo s. ex.º republicano, fizesse baixar da sua secretária uma ordem intimando os inspectores primários a cumprirem integralmente uma lei da República.

A todos nós, proletários manuais e intelectuais que visamos a liberdade sob todas as suas formas numa melhor organização social, e que não podemos deixar de ver com desconfiança a participação neste governo, que se diz republicano, de personalidades altamente cotadas nos meios católico e monárquico, essa intenção provoca desde já reparos e dará origem a resistências.

Serão uns e outros justificados? Não há país que ignore a curiosidade inata das crianças. As suas perguntas, tantas vezes rememoradas como reveladoras de precocidade de inteligência e tantas vezes também afastadas e mesmo sufocadas como impertinências, resultam de raciocínios simples e incompletos que se atropelam tumultuariamente, sem intervalos reflexivos suficientes. Manter perene essa curiosidade, dar ordem a estes raciocínios, pôr neles método, fazer ver melhor e mais completamente os factos que servem de pontos de partida, ensinar a fazer a critica do que vêem, do que ouvem e do que sentem e pensam, tal é, em nosso parecer, a missão dos pais e ainda a da primeira escola, onde deve haver um profissional da educação infantil com as inerentes responsabilidades, que, diga-se de passagem, são as mais graves das que cabem a todos os educadores.

Vejam agora o que era o chamado ensino religioso nas escolas primárias antes da separação das igrejas do Estado e que se pretende agora restabelecer em algumas delas.

Tudo é se resumia em fazer decorar orações e preceitos doutrinares, sendo postas de parte a explicação daquilo que as crianças eram obrigadas a decorar. De resto não seria possível fazê-las compreender os conceitos filosóficos contidos em orações como o «pádre-nosso» ou a «salve rainha» e menos ainda o mistério da santíssima trindade, compreensão que, aliás, os adultos não têm.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Todo é se resumia em fazer decorar orações e preceitos doutrinares, sendo postas de parte a explicação daquilo que as crianças eram obrigadas a decorar. De resto não seria possível fazê-las compreender os conceitos filosóficos contidos em orações como o «pádre-nosso» ou a «salve rainha» e menos ainda o mistério da santíssima trindade, compreensão que, aliás, os adultos não têm.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

Creemos mesmo que a maioria dos profissionais da religião se veriam altamente embaraçados se quizessem fazer compreender a crianças a «Ave Maria», sem lesar gravemente a sua pureza.

O ensino religioso exerce-se eliminando o senso critico, atrofiando-o. Não é verdadeiramente ensino como nós o compreendemos.

Assim a aprendizagem desses conceitos doutrinares das igrejas é incompatível com o ensino a ministrar na escola primária. O Estado republicano não religioso, a quem incumbe a fiscalização das escolas particulares, não pode permitir esse ensino.

Mas dir-se há: Então quem tem em mira a liberdade sob todas as suas formas restringe assim a liberdade dos pais mandarem ensinar uma doutrina religiosa aos seus filhos?

A resposta é fácil e cabal. Aqueles pais que não vêem ou não querem ver a incongruência do seu procedimento, aqueles que se julgam no direito de considerarem um dever impor a seus filhos, incapazes ainda de bem raciocinar, doutrinas de que mais tarde baldadamente poderão querer desembaraçar-se, esses pais têm no templo e nos sacerdotes a melhor escola e o melhor professor.

Não é o templo a casa do Senhor, quer aí se encontrem imagens, quer não?

Não é esse o ambiente mais propício pelo aspecto scenico para deixar no fundo da mente da criança esse «substractum» que, desembarracadas as doutrinas das roupagens palavrosas que ela não compreende, é afinal o medo de Deus, como o maior de todos os papões que lhes ensinam a temer, na infância para não fazer traquinices, quando adultos para não cometerem más acções, sem ajoelharem aos pés dos ministros do altar?

Onde encontrarão os pais para exercerem esta acção melhor agente e de mais confiança do que o sacerdote da religião que querem que os filhos profitem?

Não. A aprendizagem das doutrinas religiosas deve ser livre, mas no lar doméstico, nos templos e nas escolas para profissionais das religiões.

Há ainda um outro aspecto da questão que muito importa considerar. E' sabido que as escolas primárias particulares não abundam. Muitas vezes, pais que não seguem qualquer religião se vêem obrigados, por razões de vária ordem, a enviar os filhos a escolas dirigidas por católicos, confiados na neutralidade (?) legal do ensino. Ora S. Ex.º o ministro não desconhece certamente que essas crianças não são acarinhas e cuidadas como aquelas que a certas horas do dia se retiram para uma casa à parte onde decoram orações. A permissão de ensinar oficialmente essa descastrável e pouco cristã desigualdade.

Dizem-nos que a aprendizagem nos templos teria ainda a vantagem de minorar as dificuldades financeiras em que vivem muitos sacerdotes, pela retribuição dos serviços prestados. Não nos parece que seja argumento a apresentar, porquanto todos aceitam com resignação essas dificuldades, como desquite dos seus muitos pecados, e cremos que todos estariam dispostos ao sacrificio para maior glória e acréscimo da sua igreja.

Geraldino BRITES

Eshôco biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Bakunine em Petersburgo

Essa resolução foi interrompida, mas não anulada, quando a 25 de Novembro de 1838, aos 14 anos e meio de idade, foi enviado a Petersburgo para concorrer à escola de artilharia, internado de alguns anos que ele profundamente aborreceu até que se libertou da classe dos oficiais em fins de Janeiro de 1833. Essa liberdade recuperada — já podia viver fóra do estabelecimento — foi acolhida com entusiasmo.

No período seguinte teve um idílio amoroso com uma sua prima, o que lhe produziu uma excitação intelectual pelas poesias de Venevitinov, fno verão de 1833; depois, o contacto com um velho amigo de seu pai e parente de sua mãe, o ex-estadista Nicolau Nazarovitch Muraviev, aproximou-o da vida prática russa, política e económica. Por um dos mais jovens Muraviev, com cinco anos mais do que ele mesmo, foi, com facilidade, fortemente excitado o seu sentimento nacional, sentimento que nunca o abandonou, graças à educação cosmopolita da casa paterna.

Em Agosto-Setembro de 1833 visitou a sua família em Pryamuchino e então um novo elemento interveio na sua vida: a luta pelo direito, a luta do novo contra o velho e da liberdade humana contra a autoridade, primeiro, sob a forma de defesa da sua irmã mais velha contra um matrimónio que esta odiava. Foi a sua primeira luta, a qual esta odiava. Foi a sua primeira luta, a qual esta odiava.

Por um dos mais jovens Muraviev, com cinco anos mais do que ele mesmo, foi, com facilidade, fortemente excitado o seu sentimento nacional, sentimento que nunca o abandonou, graças à educação cosmopolita da casa paterna.

Em Agosto-Setembro de 1833 visitou a sua família em Pryamuchino e então um novo elemento interveio na sua vida: a luta pelo direito, a luta do novo contra o velho e da liberdade humana contra a autoridade, primeiro, sob a forma de defesa da sua irmã mais velha contra um matrimónio que esta odiava. Foi a sua primeira luta, a qual esta odiava.

Por um dos mais jovens Muraviev, com cinco anos mais do que ele mesmo, foi, com facilidade, fortemente excitado o seu sentimento nacional, sentimento que nunca o abandonou, graças à educação cosmopolita da casa paterna.

Em Agosto-Setembro de 1833 visitou a sua família em Pryamuchino e então um novo elemento interveio na sua vida: a luta pelo direito, a luta do novo contra o velho e da liberdade humana contra a autoridade, primeiro, sob a forma de defesa da sua irmã mais velha contra um matrimónio que esta odiava. Foi a sua primeira luta, a qual esta odiava.

Por um dos mais jovens Muraviev, com cinco anos mais do que ele mesmo, foi, com facilidade, fortemente excitado o seu sentimento nacional, sentimento que nunca o abandonou, graças à educação cosmopolita da casa paterna.

Em Agosto-Setembro de 1833 visitou a sua família em Pryamuchino e então um novo elemento interveio na sua vida: a luta pelo direito, a luta do novo contra o velho e da liberdade humana contra a autoridade, primeiro, sob a forma de defesa da sua irmã mais velha contra um matrimónio que esta odiava. Foi a sua primeira luta, a qual esta odiava.

Por um dos mais jovens Muraviev, com cinco anos mais do que ele mesmo, foi, com facilidade, fortemente excitado o seu sentimento nacional, sentimento que nunca o abandonou, graças à educação cosmopolita da casa paterna.

gada de artilharia no Este da Rússia (principios de 1834). Em serviço no governo de Minsk e Grodno esteve também em Vilna e conheceu a sociedade polaca fugitiva, deu alguns olhares à politica russa na Polónia, graças ao seu parente M. N. Muraviev, então governador de Grodno e de depois o famoso verdugo da Polónia. Esse serviço sem objectivo foi para ele um martírio.

Sentia-se absolutamente isolado, sonhava já com o «dedicar-se à ciência e ao serviço civil depois de abandonar o serviço militar (19 de Dezembro de 1834); apenas não queria deixar o exército em caso de guerra. Esperava ser transferido para a sua terra natal e de facto, em principios de 1835, chegou a Tver em busca de cavalos. Dali dirigiu-se a Pryamuchino, deu parte de doente e conseguiu, contra o desejo do seu pai, que lhe dessem baixa do exército em 18 de dezembro de 1835 e regressou também um lugar de funcionário publico em Tver, obtido por intermédio do seu pai. Era então seu declarado propósito a instrução para a actividade científica e uma cadeira para difundir os conhecimentos filosóficos obtidos por seus estudos.

Bakunine em Moscóvia. Estudos filosóficos

Em Março de 1835 conheceu em Moscóvia o jovem Stankevitch (nascido em 1813). No verão o seu amigo Efremov visitou a herdade familiar, e no outono também ali foi Stankevitch e se fez íntimo amigo de Miguel.

O seu interesse filosófico dirigia-se então para Kant, que Stankevitch, ocupado havia alguns anos com a filosofia alemã, queria estudar em primeiro lugar como fundamento para a compreensão de Schelling.

<

A acção cheia de contradições aparentes e interessantes. Abundam as cenas de poesia, de violência, de mistério e fúto, de idílio e amargura. Desenrola-se a história de BAROCCO em Tunis e seus arredores num quadro de maravilhoso pitoresco.

